

Uma revolução e um revolucionário? A psicologia na época de Mira Y Lopez

One Revolution and One Revolutionary? The Psychology at the Time of Mira Y López

Hildeberto Vieira Martins *

RESUMO:

O artigo analisa a história da Psicologia no Brasil através da figura e da obra de Mira y López, que foi um dos principais ícones da expansão da psicologia no país e da regulamentação da profissão de psicólogo em 1962. Neste sentido o texto mostra como o projeto capitalista brasileiro, incrementado no Estado Novo, propicia o desenvolvimento da área de seleção profissional. Para isto, é necessária a constituição de um novo tipo de agente, o "psicotécnico", cuja formação ocorrerá principalmente no ISOP, órgão da Fundação Getúlio Vargas criado por Mira y López. Mira será o principal nome da chamada psicologia aplicada, atacada ferozmente pelos catedráticos da então Universidade do Brasil, adeptos da psicologia acadêmica, que farão oposição ao projeto de profissionalização da Psicologia. A trajetória de Mira no ISOP mostra um confronto entre discursos que buscam ser considerados o "oficial" e o "verdadeiro", ao mesmo tempo em que é proposto a divulgação da Psicologia.

Palavras-chave: Mira y López, ISOP, regulamentação da profissão.

ABSTRACT:

At this article, the author analyses the history of Psychology in Brazil through the figure and work of Mira y López, who was one of the icons that diffused psychology in the country, and helped on the profession regulation in 1962. The text shows how the brazilian capitalist project, increased in the New State, it is inclined to the development of the professional selection area. In order to do that, it is necessary a new type of agent, the "psychotechnic", who would be graduated (specialy) on the ISOP, which is an institution of the Getúlio Vargas Foundation, created by Mira y López. Mira will be the strongest name at the Applied Psychology, which is always criticized by the universities' professors that, by the way, are adapted of the Academic Psychology, and will be against to the project that would make the psychology vocational. The cours of Mira at the ISOP shows a conplit of speeches that aim to be considered "oficial" and "true", at the same time that is proposed a project to turn the Psychology popular.

Key-words: Mira y López, ISOP, regulation of the profession.

INTRODUÇÃO

Falar sobre história da Psicologia no Brasil não é um simples trabalho de "recorte", baseado numa análise de dados históricos que vão se juntando até formar um todo coeso (colagem). Falar sobre história da Psicologia é uma tarefa muito mais complexa e multifacetada, parece-se mais com o observar um caleidoscópio, que esconde os mais variados caminhos, os quais só solucionam parte da charada e nos deixam perguntas, mais do que respondem às nossas indagações.

E o que dizer do meu projeto? Bem, ele consistia em traçar os caminhos da Psicologia através da análise da obra de Emilio Rafael Mira y Lopez, enfocando a sua participação na criação do ISOP, seu papel como principal fomentador da divulgação da Psicologia e da formação de psicotécnicos. Era por este prisma que pretendia seguir desenvolvendo meu trabalho sobre o surgimento da Psicologia no Brasil, mas tal proposta metodológica me afastava de uma questão que percebi, só posteriormente, como pertinente: qual era o "espírito da época" de Mira y Lopez1?

Ao analisar somente dados históricos, tendo como referência o trabalho de “um grande homem e sua obra”, acabamos negligenciado o que favorece que tais acontecimentos possam ter o estatuto de veracidade, e serem, por isso, corroborados como legítimos, enquanto, em contrapartida, outros discursos recebem o crivo de marginais e, muitas das vezes, não-científicos². Buscar entender o “espírito” da época é procurar saber o que se insinua nas entrelinhas dos discursos permitidos, é tentar fazer perceber que relações de saber/poder³ se apresentam nesta época, tão profícua para a história do Brasil.

Serão essas as questões que irão atravessar o que me proponho a desenvolver aqui, sem, entretanto, pretender esgotar o tema, e com as quais tenciono mostrar que “ventos” sopravam tanto para impedir como para permitir o corte que propiciou o surgimento da Psicologia como profissão. Não obstante, pretendo também analisar o papel que a figura de Mira y Lopez teve junto ao cenário carioca e, por que não dizer, nacional, em relação à Psicologia, já que não se dá por acaso o acréscimo do termo **revolucionário** ao título deste trabalho. Tal tentativa tem o objetivo de apontar para dois focos relevantes em sua vida e obra: a participação como opositor à ditadura de Franco (mesmo que à sua maneira), acarretando a saída de seu país e, conseqüentemente, sua peregrinação até a chegada ao Brasil;⁴ sua participação como autor, conferencista e organizador de vários cursos de Psicologia à frente do ISOP, os quais geraram reações diversas, indo da admiração até a reação dos acadêmicos e da academia,⁵ contexto que vai propiciar e favorecer a criação de uma categoria de técnicos que irão lutar pela implementação de um novo tipo de profissional no Brasil, o Psicólogo.

O CLIMA PROPÍCIO À VINDA DE MIRA Y LOPEZ

Para um melhor entendimento do contexto em que se inserem o trabalho e a obra de Mira y Lopez, cabe ressaltar que o início dos trabalhos em psicotécnica se dá, no Brasil, na década de 30, período considerado fundamental para o desenvolvimento industrial no nosso país. Com a Revolução de 30, um sistema dominado pelo latifúndio rural cede espaço para o desenvolvimento de um sistema de produção industrial, projeto adotado como a “cara” do novo Estado que surgia.

É a partir desse clima que certas idéias são adotadas tanto pelo setor público quanto pelo privado, dentre elas a da organização racional do trabalho, o que permite que uma maior atenção seja dada ao aspecto da escolha e do treinamento técnico dos profissionais. Contudo, no Brasil, a mão-de-obra especializada vinha praticamente de fora do país, o que posteriormente gerou um certo problema para o Estado brasileiro. Mas é esse mesmo problema que vai permitir o surgimento de um novo profissional, especializado “em escolher adequadamente a força de trabalho, tendo para isso como parâmetro fundamental o exame das aptidões e do caráter, assim como a ação sobre o seu treinamento, isto é, influenciar o próprio processo de aprendizagem visando um rendimento maior” (LANGENBACH, 1982, p.24).

Cabe ressaltar que em 1945, época da vinda Mira y Lopez ao Brasil, já não se pode dizer que um slogan como “O Brasil precisa crescer” possa ser lido da mesma forma que em 1930. Novos acontecimento já tomaram vulto no país e são outras as necessidades a serem solucionadas pelos novos “senhores do conhecimento”. Nesse prisma, é interessante lembrar que na primeira etapa da atuação dos psicotécnicos (década de 30) o que prevaleceu foi a seleção profissional e não a orientação profissional, ou seja, a busca de trabalhadores para um certo tipo de serviço e não a orientação para uma melhor capacitação do indivíduo, buscando um trabalho compatível com suas capacidades e

qualidades. Já a década de 40 parece trazer um novo espírito em relação às atribuições destinadas ao Estado, ao setor privado e ao que tais instituições devem exigir do e propiciar ao trabalhador brasileiro; ou seja, tais setores se mostram mais sensíveis em relação à formação e potencialidades deste trabalhador.⁶

É pela preocupação com a formação de uma mão de obra qualificada, bem como de técnicos que possam medi-la e avaliá-la, que o então recente campo das técnicas do trabalho surge e tenta dar conta desse novo problema. Efeito de uma sociedade em vias de se industrializar, o papel do psicotécnico ou psicologista se inserirá como a nova solução possível para os problemas do trabalho, já que, pela primeira vez, a crescente indústria se preocupará com a racionalização do trabalho, as implicações do fator humano e suas conseqüências. A escolha e a capacitação técnicas vão ser vistas como um aspecto indissociável da melhoria na qualidade do trabalho, pois “até então não havia nenhum interesse maior pela formação da força de trabalho, nem por parte do empresário, nem por parte do Estado” (LANGENBACH, 1982, p.25).

A primeira vinda de Mira y Lopez ao Brasil ocorre a convite de várias entidades públicas (entre elas a USP, o SENAI, o DASP e o Centro de Estudos Franco da Rocha) para que pronuncie conferências sobre Psicologia Aplicada, em São Paulo e no Rio de Janeiro, em 1945. Suas palestras têm uma repercussão surpreendente, o que acarreta nova vinda ao país neste mesmo ano. Decorrerão dois anos até que a sua estada seja definitiva, situação propiciada pelo convite feito pelo Dr. João Carlos Vital, da Fundação Getúlio Vargas, para que participasse, nesta instituição, da criação de um órgão voltado para a seleção e adaptação do trabalhador brasileiro. Tal projeto será realizado com a criação do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), cujo objetivo principal era a difusão e o ensino da Psicologia Aplicada em seus campos de atuação, ou seja, Psicologia do Trabalho, Educacional e Clínica. Para o ISOP, a orientação profissional tinha como objetivo “oferecer a uma elite um processo de escolha mais aperfeiçoado.” (LANGENBACH, 1982, p.52).

Nessa mesma instituição, Mira y Lopez, com a cooperação de Lourenço Filho, cria os *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, já em 1949. Trata-se da primeira revista totalmente voltada para temas de Psicologia e de grande circulação no Brasil, sendo, por isso, o veículo de divulgação dos assuntos psicológicos que mais interessavam tanto à parcela do empresariado nascente como à sociedade em geral - principalmente a classe média -, que se via freqüentemente envolvida em discussões sobre o comportamento dos criminosos, crianças (delinqüentes ou excepcionais) ou, mesmo, sobre a qualificação de trabalhadores. A publicação destaca-se, ainda, como a principal divulgadora dos eventos de Psicologia acontecidos no Brasil e no exterior.

É atuando nessas “linhas de frente” - palestrante, organizador de cursos e formador de psicotécnicos; e, via ISOP, organizador da principal revista de Psicologia da época - que Mira y Lopez fará dos temas psicológicos um assunto presente no cotidiano da nossa sociedade, estabelecendo uma distinção entre seu trabalho e o desenvolvido pelo saber teórico produzido nos espaços acadêmicos de Psicologia existentes na época.⁷

PRÁTICOS X ACADÊMICOS: QUEM TEM DIREITO SOBRE A TERRA PROMETIDA?

Que clima propicia o surgimento de uma nova profissão ? Quais são os fatores que levam um saber a alcançar o estatuto de cientificidade? Quem determina se tal ou qual conhecimento é legítimo ou não? Essas questões perpassam

todo o desenrolar do surgimento da Psicologia como profissão em nosso país, bem como o de qualquer prática que tenha como ambição maior se dizer, ou se pretender, científica.

A implicação de Mira y Lopez quanto à regulamentação da profissão de psicólogo está marcada desde o início desta história, já que o primeiro anteprojeto de profissionalização foi criado pelo ISOP e pela Associação Brasileira de Psicotécnica, dos quais Mira y Lopez era diretor e secretário geral, respectivamente. A presença dos psicotécnicos nos mais variados setores da vida pública nacional acarreta a necessidade de se estabelecer algum mecanismo que normalizasse a proliferação desses profissionais, conforme pode ser compreendido pela argumentação de Rosas (1995, p. 105):

“ [o] crescente número de gabinetes”, “serviços”, “clínicas” ou “institutos” de Psicologia Aplicada, vinculados ao poder público ou em funcionamento por iniciativas particulares, existentes no Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e outros locais, impunha a edição de instrumento legal que instituisse a criação de cursos de Psicologia. De outra parte, acompanhando a “tradição” corporativa vigente no país a partir de Getúlio Vargas, impunha-se, igualmente, a regulamentação da profissão de psicólogo. Os curso do ISOP eram importantes, mas não bastavam.”

Propiciado por esse clima de demanda por uma maior organização dos agentes profissionais que lidavam com diagnósticos, seleções e orientações profissionais, o anteprojeto para a regulamentação transita no Ministério da Educação. Contudo, parece existir, desde o início, um embate político em relação às atribuições do psicólogo e seus limites, debate polarizado, por um lado, pelas figuras de Nilton Campos e Lourenço Filho (ambos catedráticos e teóricos da Psicologia) e, por outro, pelo carisma do professor Mira y Lopez, “formador” e “treinador” de psicotécnicos, mais voltado para a aplicação da Psicologia.

É interessante acrescentar que o ISOP sempre esteve aberto à articulação de seu trabalho científico com os problemas cotidianos e com ações práticas para a solução dos mesmos. O trabalho do ISOP fazia parte dos assuntos dos jornais da época (cf. LANGENBACH, 1982, p.60), o que pode ser demonstrado através de exemplos como o treinamento dos funcionários da rede ferroviária⁸ e a participação na seleção de motoristas de ônibus do Rio de Janeiro.⁹

Essa “facilidade” para responder às demandas que se apresentam permite ao ISOP ter uma certa vantagem em relação aos seus opositores acadêmicos, que não viam com bons olhos o que era praticado e ministrado como Psicologia sob a supervisão do professor Mira y Lopez.

Essa tensão entre teoria e prática é considerada, por alguns autores,¹⁰ como uma das causas do atraso da nossa profissionalização, sendo o trabalho do ISOP visto pelos acadêmicos como um perigoso caminho, conducente à popularização e à conseqüente desqualificação científica da Psicologia. Contudo, mesmo diante dessa “disputa” para se estabelecer quem fazia a “verdadeira” Psicologia, os profissionais que atuavam no setor percebiam o quanto era necessário que se organizassem para fazer reconhecer esta carreira.

Diante desse quadro, as disputas de poder (internas e externas) continuariam obstruindo o processo para a regulamentação da profissão. O próprio professor Lourenço Filho, defensor da Psicologia Aplicada e relator da Comissão de Ensino Superior, dará parecer contrário ao anteprojeto proposto pelas entidades de Psicologia, por achar

que este colocava em risco o exercício de certas profissões, como a Educação (atendimento psicopedagógico) e a Medicina (atuação psicoterápica), sendo mais grave¹¹ o problema colocado quanto à última.

A questão da atribuição ou não do atendimento psicoterápico como função dos psicólogos foi um grande entrave para que o projeto pudesse tramitar normalmente pelo Congresso e, assim, receber parecer favorável para a regulamentação da carreira. A batalha demora mais de dez anos, finalizando-se com a promulgação, em 27 de agosto de 1962, da lei 4119, que estabelece as funções do psicólogo e os critérios para a sua formação legal (assinada pelo então Presidente João Goulart), sendo o Conselho Federal de Psicologia somente inaugurado em 1974.¹²

CONCLUSÃO

Tentar estabelecer até que ponto Mira y Lopez foi “revolucionário” é uma tarefa que não seria possível cumprir num simples artigo, devido aos vários matizes e entrecruzamentos que o trabalho e a vida de Mira y Lopez podem proporcionar. Contudo, este trabalho se presta a uma reflexão, embora que ainda prematura, relativa ao campo de batalha que cerca o surgimento de qualquer saber que, para se tornar reconhecido, deve se mostrar “merecedor” do lugar a ocupar.

O que se procurou mostrar através deste trabalho foi a possibilidade de perceber as rupturas existentes em toda as “histórias” contadas a partir de um princípio linear ou descritivo que não leve em consideração o silêncio ou o murmúrio que se acham nas dobras entre o dito e o não dito nessa mesma história. Assim, verifica-se que a história recente da Psicologia não surge em nenhuma faculdade do Rio de Janeiro, mas, sim, através do trabalho de anônimos e de uma figura que sempre teve como principal objetivo “vulgarizar” e “popularizar” a Psicologia, para que fosse acessível a um número cada vez maior de pessoas. Foi isso que permitiu uma absorção mais generalizada da Psicologia e criou as condições, pela apropriação que a população e a mídia carioca fizeram dela, para a discussão e o conseqüente surgimento de uma categoria que, hoje, tão senhora de si, ainda não consegue se ver livre dos seus fantasmas, por não os trazer à luz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FGV/ISOP - *Arquivo Brasileiro de Psicotécnica*. Ano 16, n. 2/3; abril/setembro de 1964.
- LANGENBACH, Miriam - *A Psicologia aplicada no Rio de Janeiro. Início de uma profissão (1938-62)*. Dissertação de Mestrado. PUC/RJ, 1982.
- MANCIBO, D. - “Da Psicologia Aplicada à institucionalização universitária: a regulamentação da Psicologia enquanto profissão”. Em: *Cadernos IPUB*. N. 8. Rio de Janeiro: 1997.
- ROSAS, P. - *Mira y Lopez: 30 anos depois*. São Paulo: Vetor; 1995
- ROSAS, P. - *Mira y Lopez e Psicologia aplicada no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV. 1998.
- VELLOSO, E. D. - “Psicologia Clínica no Brasil”. Em: *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 34 (1): 21-35, 1982.

* Bolsista de aperfeiçoamento/MN-UFRJ/CNPq.

¹ A época que tomo como base é o período que vai de 1945 a 1962 (da 1ª visita de Mira ao Brasil, coincidindo com o final do Estado Novo, à época em que se dá a criação da profissão de Psicólogo).

² Essa é uma questão importante, já que diz respeito ao “status” que o trabalho de Mira y Lopez receberá dos cientistas brasileiros de sua época. Neste sentido, destaque-se o caso do professor Nilton Campos, ferrenho opositor a seu trabalho à frente do ISOP. Nilton Campos representa a “linha acadêmica”, pois era professor de Psicologia na UFRJ (então Universidade do Brasil), o que coloca o trabalho de Mira y Lopez, em alguns momentos, num campo que pode ser considerado “marginal”, ou seja, à margem dos discursos acadêmicos.

³ Tomo emprestado esta terminologia a autores como Foucault, Guattari e Deleuze, com o intuito de tentar me aprofundar nas questões, discussões e mecanismos que dizem respeito à constituição de um “espaço” ou “solo” privilegiado para o surgimento da profissão de Psicólogo no Brasil.

⁴ O posicionamento político de Mira y Lopez parece mesmo ter repercutido sobre o não reconhecimento, no Brasil, do título de médico que obteve na Espanha, não podendo, por isso, exercer aqui esta profissão.

⁵ Essa “reação” se dá através de uma figura e de um acontecimento importantes para a história da Psicologia: de um lado, o já citado Professor Nilton Campos e sua crítica ao trabalho de Mira no ISOP; de outro, a criação, na PUC, do que foi considerado o primeiro curso de Psicologia numa Faculdade brasileira.

⁶ Datam dessa época a criação do SENAC (1942), da Fundação Getúlio Vargas (1944) e do próprio ISOP (1947), para citar apenas algumas instituições surgidas no período.

⁷ Para um aprofundamento dessa questão, recomendo **MANCEBO, D.** - “Da Psicologia Aplicada à institucionalização universitária: a regulamentação da Psicologia enquanto profissão.”

⁸ Segundo Langenbach (1982, p.65), o treinamento se dá devido a dois grandes acidentes ocorridos por falha humana.

⁹ Esse processo gera bastante polêmica no Rio de Janeiro, sendo constantemente manchete dos jornais da época. (cf. LANGENBACH, 1982, p. 71).

¹⁰ Recomendo a consulta de autores como Mancebo (1997) e Velloso (1982) para um maior esclarecimento sobre o assunto.

¹¹ Parece que mesmo a estreita relação existente entre Mira y Lopez e Lourenço Filho nunca fez com que o último modificasse sua opinião, contrária a profissionalização da Psicologia.

¹² Essa demora para a criação do CFP é propiciada pela falta de entendimento entre as entidades de Psicologia que existiam na época, sendo tal fato provocado pela disputa de poder entre elas.